

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Natal

É com um estremecimento de alvoraçada alegria que vou escrever como quem sente, como quem reza, como quem sonha, algumas frases simples, saídas do coração e envoltas de poesia, acerca do nascimento do menino Deus, do divino Menino Jesus.

Natal!... Nascimento!... Amor!... É, carnação augusta e sublime, traduzível no espaço e no tempo pela música espiritual, filtrada através de gerações, na plangência sublime de diáfanos pressentimentos.

A luz de toda a criação é o Verbo... E o Verbo, no dizer dos Evangelistas, «ERA NO PRINCÍPIO»... O mais é o milagre deslumbrante e misterioso duma virgem, sempre virgem, ter dado ao mundo um Deus à imagem da nossa limitada pequenez humana. O infinito retrai-se, reduz-se, transforma-se no limitado, no finito.

Maria e José; dois seres, duas almas, dois votos perenes de castidade.

Como tudo isto é sublime e, ao mesmo tempo, misterioso. Ó Maravilha das maravilhas! Ó mistério dos mistérios! Ó grandeza saída da humildade de dois entes simples, grandeza traduzível nos vagidos primeiros, na harmonia pacata, numa corte de **BELEM**.

Desde os períodos mais reuçados da história que o nascimento do menino Jesus mereceu as mais rasgadas manifestações de engenho e arte. A escultura mostra-nos quão formosos são alguns trabalhos em que sobressaem os motivos mais variados, em tons policromados, como a burrinha, a vaquinha, os três Reis Magos e um conjunto de efeitos

(Continua na página oito)

Nascimento da Menina Jesus



NATAL

Ondas do mar sem fim, estai quietas!
Cordeiros, lâ em flor, balai baixinho!
Vai chegar o profeta dos profetas.
Já anda a luz no pó do seu caminho...!

Recolha-se em silêncio a voz dos poetas!
Astros do céu, não façam borborinho!
Caia, de manso, o orvalho nas violetas,
Sob a bênção do Sol, o bom padrinho...

Crianças loiras, não queirais chorar!
Adormecei nos berços de embalar,
Que a vossa mãe saiu, mas logo vem...

Juntem-se os hinos todos num só hino.
P'ra cantar em redor do Deus-Menino
Que vai nascer na gruta de Belém.

MOREIRA DAS NEVES

O quadro humano neste período de Natal

ENQUANTO o mundo vive uma paz oscilante em guerra, a fome continua a ser fome, a descrença nos homens e nas coisas persiste, o tédio e o receio do amanhã domina-nos completamente.

O futuro continua a ser um grande ponto de interrogação... O mundo vive horas de angustiante incerteza... A paz é uma palavra sonâmbula, misteriosa, intáctil... Os homens de hoje são como os de ontem... E a crença em Deus é, quantas vezes, apenas uma palavra... só uma palavra, sem a projecção devida. Só Deus é sempre Deus e a sua doutrina fonte perene de verdade e de justiça.

Quantos apregoam a mensagem do filho de Deus em clangorosas metáforas, em palavras e frases de efeito, contudo, meu Deus, tão poucos, muito poucos, sabem, com verdade, ver os factos, as tristezas, as dores, a miséria e a fome deste conjunto andante chamado humanidade.

Se todos nós, eu, tu, aquele outro, etc., fizéssemos um exame de consciência, verificaríamos no final que todos temos sido injustos e cruéis para com o nosso semelhante. Era bom que os homens se lembrassem que somos todos irmãos, temos coração, olhos e inteligência,—uns mais aferidos que outros—e, portanto, direito à vida que Deus nos deu... E se Deus nos deu este direito divino de nos amarmos uns aos outros como irmãos, para quê tanta injustiça, tanto ódio e tanta malquerença entre os homens?... É, pois mister, hoje mais do que ontem, que nos irmanemos nos salutares princípios de Cristo e façamos da sua

(Continua na página dois)

UM ARTIGO... EM SONHOS

A pedido do nosso Director, a quem não pudemos responder negativamente, comprometemo-nos a escrever um artigo para o nosso "Boletim", aliás um dever de todos nós, pois o "Boletim" é nosso e para nós.

Porém, isto de se escrever para outros lerem, em letra de forma e num jornal, é muito mais difícil do que escrever para a família, e do que muitos julgam, pois, lá diz o ditado, é-se preso por ter cão e preso por não o ter.

Por isso mesmo procuramos esquivar-nos ao pedido do nosso Director, mas, como acima dizemos ser um dever de todos nós colaborar no "Boletim", foi pensando neste dever que nos comprometemos a rabiscar alguma coisa.

Entretanto, as ideias não surgiam, embora houvesse muitas fontes para as fazer nascer, e os dias iam passando sem que pudéssemos cumprir o prometido. Os pedidos para entrega do artigo eram constantes, as nossas promessas e datas marcadas não eram em menor número, mas o certo é que o artigo não aparecia e, por isso mesmo, andávamos arrelhiados.

Não havia momento de ócio em que não déssemos volta à mioleira para se alinhavar qualquer coisa, pequena que fosse, mas nada de geito conseguíamos.

E foi então que nos decidimos a esperar pela noite e pelas insónias, pois no aconchego dos cobertores (já vai estando bastante frio) talvez conseguíssemos coligir ideias para o prometido artigo. Mas a infelicidade continuava a perseguir-nos, pois nós, que passamos tantas vezes noites em claro, dormíamos agora a sono solto desde que recolhíamos a vale de lençóis até ao levantar, pela manhã. E os dias lá iam passando, e as noites também, e o nosso Director confiado, à espera. Até que, nos disse, não poder esperar mais; no outro dia, "ou artigo... ou nada".

Talvez de pensar naquela frase "ou artigo... ou nada", fomos para a cama e, então, sempre surgiram as insónias. Exultamos de contentamento e lá nos puzemos confiados à cata de ideias para o artigo. E o certo é que eram tantas as ideias que nos vimos deveras atrapalhados para fazer a selecção necessária para um bom artigo. É sempre assim, ou tudo ou nada. Ou falta de ideias, ou ideias aos montes, causando-nos dificuldades enormes a sua escolha. Fomos separando, mentalmente, as que eram aproveitáveis, e desinteressando-nos das menos proveitosas. A escolha foi difícil e deixou-nos o cérebro cansado... mesmo muito cansado...

Mas o artigo surgiu. E que artigo!... Era de sensação e

O quadro humano neste período do Natal

(Continuação da página 1)

doutrina a chave da nossa redenção. O Natal devia ser um poema de aproximação, de amizade, de respeito, de carinho, de perdão. Numa palavra: o Natal devia unir à mesa de Deus todos os seus filhos em todas as línguas, em todas as raças, em todas as latitudes. O Natal do pobre e do rico, do grande e do humilde, devia ser igual, na acepção lógica do quotidiano, do simples, mas também do essencial. Que esse dia, ao menos, não tivesse fronteiras de raças e de crenças, de fidalguia e de plebe, que não se ouvisse em nenhum ponto do globo o troar do canhão, e não houvesse, meu Deus! um lar sem ter pão.

Como seria belo este sonho se um dia fosse realidade; como seria belo e sublime que o presépio de Belém fosse o farol geográfico que nos guiasse a todos nós, pedintes de fé e humildes de glória.

Que o presépio de Belém fosse essa estrela irradiante de fé, que nos iluminasse a todos e que os nossos ressentimentos, as nossas culpas e as nossas afrontas ficassem no olvido e perdoadas... Como seria belo o NATAL verdadeiramente cristão, aureolado de fé, de amor, ternura e perdão.

E que a pobreza de BELÉM viesse em efeitos de luz até nós e de nós se repercutisse até todos, numa aliança de respeito e de amor.

NATAL! Palavra que englobou em si um sentido estético-religioso e que nos trouxe, de degrau em degrau, a ver um mundo tão diferente daquele que os nossos sentidos e a nossa razão tão ardentemente desejavam.

Deus permita que o NOVO ANO nos traga mais carinho, mais razão e mais vontade para podermos dizer, com toda a paz da nossa alma:

— «Este ano fui, com verdade, justo para comigo e para com os outros».

E só assim nos poderemos sentir felizes, só assim nos poderemos entregar às leis da morte quando esta bater à nossa porta. O nosso corpo, desfaz-se em pó, cinza e nada; mas a alma, essa, tem a vida eterna... E só a justiça e a humildade nos levarão à morada dos anjos, que toda a alma deseja ardentemente.

E que a vossa bolsa se abra, também, para o desgraçado que, quantas vezes com fome e tristeza, vos estende a mão esquálida pedindo, por amor de Deus, uma esmolinha.

Todos podemos ser ainda mais pobres do que alguns daqueles que humildemente imploram a nossa caridade. Servindo-nos dum pensamento de Coelho Neto, perguntamos: O que é a esmola?

«Nada para quem dá, muito para quem recebe, tudo para Deus».

A. B.

DO CANCEIONEIRO

Quadras populares referentes ao Natal

*Menino Jesus
Que estais no altar;
Rico enrobazinho
Tenho pra vos dar.*

*Pelos pezinhos
Quero começar;
Lindos sapatinhos
Tenho pra vos dar.*

*Mas quem tem sapatos
Precisa minhas;
Eu vo-las darei
De salvé-rainhas.*

*Quem tem minhas
Precisa liguinhas;
Eu vo-las darei
De Ave-Marias.*

*Quem tem liguinhas
Precisa calções;
Eu vo-los darei
De boas orações.*

*Mas quem tem calções
Há-de mister casaca;
Eu vo-la darei
De tela de prata.*

*Mas quem tem casaca
Precisa camisa;
Eu vo-la darei
De cambraia fina.*

*Mas quem tem camisa
Precisa chapéu;
Eu vo-lo darei,
Levai-me pró céu*

ia causar brado. As folhas escritas amontoavam-se já, e nada se podia cortar ou alterar para não lhe tirar o sabor. Ocuparia talvez meia página ou mais, talvez uma... E o título, sim o título ficava-lhe mesmo a matar... Finalmente havíamos vencido.

E quando nos preparávamos

para dormir tranquilos, ageitando-nos o melhor que podíamos, cientes do dever cumprido... foi preciso acordarem-nos: eram 8,30 horas da manhã e era preciso levantar para ir trabalhar.

Uma grande soneca sensaboria... Afinal, foi um artigo... em sonhos.

SA PEREIRA

As nossas Amigas

Conforme prometemos, cá estamos uma vez mais a registar nestas colunas todos aqueles que nos têm honrado com a sua amizade, traduzida em valiosos auxílios ao nosso Clube, contribuindo assim para o seu engrandecimento, e ajudando-nos a realizar as nossas aspirações.

A todos, pois, os nossos melhores agradecimentos e votos de muitas prosperidades, para que possam, como até aqui, usar da sua generosidade.

No quadro deste número é-nos grato registar os seguintes Senhores:

ANTÓNIO PEIG — *Tendo a honra de ser um dos mais antigos fornecedores da TEBE, agente de uma das mais consideradas fábricas holandesas de fios de seda, e de outras ainda, quiz o Snr. Peig, como tantos outros, ser assinante do nosso Boletim, e contribuir para o nosso clube com o valioso auxílio de dois mil escudos, pelo que nos confessamos imensamente gratos.*

VILAS & VILAS — *Eis os Agentes em Lisboa da maior e melhor fábrica de malhas do País, que é o mesmo que dizer, da TEBE.*

Pois como não podia deixar de ser, estes nossos grandes amigos, entre os quais nos permitimos destacar o Sr. Alfredo Fonseca, também quiseram enfileirar neste rol, e lá nos mandaram a sua contribuição de quinhentos escudos. Além disso, têm demonstrado um interesse extraordinário pelo nosso Boletim, angariando-nos assinantes e anúncios, o que muito nos apraz registar. Nem só vendendo os seus artigos se faz propaganda da TEBE; é preciso que todos conheçam e leiam o Boletim do seu Clube. Por tudo, um sincero muito obrigado.

Nota da Redacção — Por falta de espaço, só neste número nos foi possível incluir este original, do que pedimos desculpa.

Cobrança das Assinaturas

Contrariamente ao que havíamos anunciado de que iríamos proceder à cobrança total da assinatura, resolvemos, por diversas conveniências e até para interesse do próprio assinante que se cobrasse somente a quantia correspondente a metade da anuidade, ou sejam 6\$00.

Brevemente procederemos ao envio dos recibos à cobrança aos nossos queridos assinantes que residem fora de Barcelos. Pedimos a todos a costumada boa atenção ao cobrador.

Já começamos a receber algumas assinaturas, pelo que nos confessamos muito gratos, mostrando assim o interesse que o nosso «Boletim» tem despertado, não só em Barcelos como até no Estrangeiro. Bem hajam pois.

O Clube Desportivo da TEBE

Banco Pinto & Sotto Mayor

SEDE EM LISBOA

FILIAL EM BARCELOS

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

APONTAMENTOS para a História da Poesia

(Continuação da página 1)

armada do Porto de Lisboa (8 de Julho de 1497), passando por Ilha da Madeira, Costa da Barbária, Senegal, Canárias, Ilha de S. Tiago de Cabo Verde, Jalofo e Mandinga, Congo e Zaire, etc. Mas, além de muitos e variados assuntos que se abraçam numa maneira harmónica e, interessante, descreve-nos, em pinceladas fortes, o episódio do ADAMASTOR, que o Poeta imagina assim na estância XL, versos 7.º e 8.º:

«Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mi e a todos só de ouvi-lo e vê-lo».

Camões através dos Lusíadas mostrou ao mundo a vastidão de conhecimentos que conquistou nos muitos sofrimentos, nas muitas viagens e nas muitas trai-

ções de que fora vítima, por inveja dos homens e malquerença das gentes.

Sobre os Lusíadas há tanto a dizer, que seriam precisas páginas e páginas de papel para focarmos todo o seu talento, repartido pelos mais variados sectores da poesia. Assim, depois de focarmos o CAMÕES ÉPICO, teríamos de focar o CAMÕES LÍRICO E FINALMENTE teríamos de escrever sobre CAMÕES DRAMÁTICO... Mas seja como for, analisado com verdade e com justiça, temos de afirmar que jamais poeta algum português conseguiu dar-nos tão vasta como valiosa obra... Os Lusíadas falam por ele e ele mostra-se o pintor sublime que soube descrever em pinceladas de mestre a descrição fenomenal, tremenda, gritante, da tromba marítima (canto V, est. 18-22) e outros episódios que a inteligência respeita.

Já Afrânio Peixoto descrevia assim os Lusíadas:

«Livro de poesia, epopeia de heroísmo, memória de navegação, de observação marítima e etnográfica, compêndio de história e moral, pelos conceitos altíssimos que encerra, os Lusíadas são, principalmente para o português e o brasileiro, um ensino constante, nobre e puro de civismo, forma tolerante e humana de patriotismo, na sua expressão mais nobre e civilizadora».

Camões no género lírico

Luís Vaz escreveu sonetos, elegias, canções, églogas, odes e muitíssimas redondilhas, onde a beleza da forma, a suavidade da ideia fazem paralelas de ternura, de amor, numa aliança íntima de desespero e de entusiasmo... São assim os que sofrem, os que amam, os que são incompreendidos. Camões amou, foi perseguido, sofreu, mas foi o sofrimento que lhe ditou alguns dos seus mais belos sonetos.

(Continua no próximo número)

FOTOGRAVURAS

A fotogravura publicada na 1.ª página foi-nos gentilmente cedida pela firma Simão Guimarães, Filhos, Ld.ª.

—Igualmente a zincogravura impressa na 5.ª página foi-nos também amavelmente emprestada pela Companhia Editora do Minho.

A ambas as firmas os nossos agradecimentos muito sinceros.

Efemérides do mês

a) Encerrou-se a «Semana da Mãe», presidindo à entrega dos prémios às famílias mais numerosas a esposa do chefe do Estado.

b) O Snr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional presidiu, no passado dia 13 de Dezembro à inauguração das novas instalações da «Biblioteca Pública M. da Covilhã».

c) Pela Cruz Vermelha Portuguesa, à semelhança dos anos anteriores, começou a ser distribuída, a crianças pobres e doentes, grande quantidade de brinquedos e guloseimas, comemorando, assim, esta quadra do Natal.

d) Por toda a parte onde se fala a língua portuguesa se está a comemorar, com distribuição de donativos, a quadra do Natal.

INICIAÇÃO GEOGRÁFICA

Pelo DR. DOMINGOS DE FIGUEIREDO

É um livro que, pelos altos ensinamentos, pela vastidão de cultura e, acima de tudo, pela harmonia das descrições e do estilo, merece que o transcrevamos e, para isso, recebemos já do seu autor — nosso particular amigo — a sua verdadeira autorização acompanhada de gentilíssima e imerecida dedicação.

INTRODUÇÃO

GENERALIDADES

SUMÁRIO:

- 1—Geografia: seu objecto, definição e relação com as diversas ciências.
- 2—Divisões da Geografia.
- 3—Utilidade da Geografia.

1—Geografia: seu objecto, definição e relação com as diversas ciências

NEM sempre os geógrafos estiveram de acordo quanto à definição da ciência que têm estudado.

Um ilustre autor americano WICKERSHAM, definiu-a assim: «a geografia é menos uma ciência do que uma colecção de conhecimentos emprestados de diferentes ciências».

Não é de aceitar esta noção, pois, ao contrário, a geografia (do grego, *descrição da Terra*) é uma ciência caracterizadamente definida e perfeitamente independente.

Porque assim é podemos, portanto, definir a *Geografia*, como sendo a ciência que tem por objecto a descrição da Terra,

e estuda não só tudo o que é relativo à forma do globo, e aos seus fenómenos superficiais e exteriores, como ainda o que diz respeito ao homem nas suas relações com o meio em que vive.

É certo porém, que apesar de a geografia ter objecto próprio, intimamente se relaciona com várias outras ciências, especialmente com a *Geologia*, que trata da estrutura e constituição da crosta da Terra.

Ainda a geografia que, por exemplo, investiga o modo como os cursos da água são alimentados pelas chuvas, muito se liga à *Física* (a ciência que estuda os fenómenos que não causam modificação da substância dos corpos em que se realizam), e especialmente à *Meteorologia* (que diz respeito aos *meteoros*, isto é, aos fenómenos produzidos na atmosfera, e que podem revestir o aspecto — *aquoso, luminoso, aéreo e eléctrico*).

Também a ciência geográfica se refere, por vezes, à *Botânica*, à *Zoologia* e à *Minerologia*, quando trata respectivamente da vida vegetal, animal e mineral do globo.

Ao estudo das origens da Terra, dá-se o nome de *Geogenia*.

A ciência que estuda a Terra sob o ponto de vista histórico, diz-se — *Geohistória*.

2—Divisões de Geografia

Para o estudo da *Geografia* se fazer metodicamente, necessário se torna estabelecer nela as seguintes divisões:

- a) *Geografia física ou fisiografia* — trata do elemento sólido do

globo, isto é, do solo, da sua composição e formas; do elemento líquido ou seja dos mares e águas correntes; e ainda da camada gasosa que envolve a Terra.

- b) *Geografia biológica ou natural ou biogeografia* — que observa a distribuição dos seres vivos (animais e plantas) no globo, bem como as suas relações com o meio físico.
- c) *Geografia humana ou social ou antropogeografia* — que compreende todos os factos geográficos em que se manifesta a actividade do homem, quer *politicamente*, quer *economicamente*.
- d) *Geografia astronómica ou matemática* — que considera a Terra como um planeta, e estuda a sua forma, posição e grandeza, dimensões, movimentos e divisão geométrica.

Politicamente a geografia abrange, entre outros, o estudo da distribuição da população (*demografia*), o das diferentes raças humanas (*etnografia* ou *etnologia*), ocupando-se também das *línguas, regiões, governos*, etc.

Economicamente investiga as variadas manifestações no campo do comércio, da agricultura e da indústria e chama-se respectivamente — *geografia comercial, geografia agrícola e geografia industrial*.

(Continua)



APONTAMENTOS para a História da Poesia

Por A. B.

(Continuação do número 4)

A Epopeia na Literatura Portuguesa

A sublimidade da nossa epopeia está consagrada nos "LUSÍADAS", expressão viva da raça, erguida na balada saudossíssima de 10 cantos maravilhosos onde a história lusa fala, numa harmonia de verdade e de beleza, que assombra e extasia.

Nenhum dos poemas atrás citados se pode comparar com os Lusíadas. Nos outros poemas há uma série de factos históricos e lendários; nos Lusíadas palpita a história dum povo.

A própria palavra LUSÍADAS é a significação lídima da nossa grei, pondo em plano altíssimo o engenho e a arte do nosso sempre imortal Luís de Camões.

Nos Lusíadas, Camões canta:

«Os barões assinalados»,

isto é: os grandes de Portugal que, por obras valorosas dilataram a fé e o Império...

Os Lusíadas não nos pertencem sòmente; mas também a toda a humanidade.

O Poeta serve-se da descoberta do caminho marítimo para a Índia, no reinado de D. Manuel I, para, em linhas mais ou menos paralelas, fazer correr com assombroso equilíbrio, a história dum povo, na epopeia marítima dos descobrimentos.

E no canto III começa Camões a contar a história de Portugal servindo-se do grande Vasco da Gama para nos abrir de par em par o cenário histórico repleto de episódios, como o da D. Inês de Castro, que fala ao coração, tão formoso e tão patético. No canto IV descreve-nos o Poeta a batalha de Aljubarrota e os vaticínios e desejos de D. Manuel pondo em relevo as falas doentias e desanimadoras do VELHO DO RESTELO quando se abre assim:

«Ó glória de mandar! Ó vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamam Fama!
Ó fraudolento gosto, que se atia
Cua aura popular, que honra se chama
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldade neles experimentas!

No canto V podemos admirar a célebre descrição da saída da

(Continua na página 3)

O SONHO DO NATAL

Por PEDRO RUAS

NOITE de zembrina, luarenta e fria. Na grande abóbada acendiam-se já os fachos milenários doutros mundos, iluminando o infinito. Na terra tudo é ainda escuridão à volta dos espectros dos candieiros apagados. Nas ruas, com nacos de luz rasgando as trevas, as grandes montras mostram aos homens os caminhos a trilhar.

E os espectros desapareceram.

Na noite fria e luarenta há agora mais luz.

E os homens passam e sorriem como os filhos sorrirão em frente da árvore abonecada e do Menino nas palhinhas.

E os homens e os meninos da rua passam nos passeios presos do mesmo enleio.

E os homens-senhores entram e compram para os seus meninos, iguais aos outros meninos que nunca tiveram pai.

E os meninos de pés arroxeados e cobertos pelos buracos dos fatos esfarrapados, têm os rostos cândidos escondidos nas trevas dos que nada têm.

E sorriem, naquele sorriso triste que esconde as lágrimas. Lá está um a sorrir!...

De nariz esborrachado e mãos espalmadas no grande cristal, ele sonha com a posse daquele boneco que nunca terá.

E sorriem, o menino das palhinhas e ele, irmanados no grande sonho que os homens só tarde compreenderão.

E os homens continuam a passar sem o ver!

E ele, a quem o peso dos poucos anos já vergou, afasta-se sorrindo, um sorriso que abafa as lágrimas que os homens não queriam ver.

Ali não há lugar para ele... E lá vai, de pés arroxeados, calcando a lama de que os homens se afastam, quebrar a tranquilidade dos lagos de águas mortas nas poças lamacentas.

Na noite fria e luarenta há agora mais luz e mais frio. Tudo é solidão. Aqui, já os homens senhores não passam nem sorriem.

Há também os que passam, mas esses estão como ele esquecidos e só sabem sorrir para a lua e para as estrelas que a todos contemplam sem distinções.

E lá está a grande estrela a brilhar, num brilho insignificante, apagado e miserável, ao pé da outra de estanho brilhante, que colocaram suspensa dum arame que, de tão mirrado como o menino, passava despercebido. Mas nos olhos tristes do menino da rua há ainda a visão daquele boneco com que nunca brincará.

E deita-se nas palhas húmidas que cobrem a terra suja e empapada das lágrimas dos homens que vagueiam como fantasmas num mundo de trevas.

E dos restos pôdres dos bolsos esburacados saem fragmentos do mundo das vitrines.

Também tem uma vaquinha, quase irmã da que estava junto do Menino nas palhinhas...

E sorri-lhe e afaga a pequenina cabeça que parece contemplá-lo e compreender, como a de Belém, o grande mistério duma natividade redentora. Mas só tem cabeça!... O resto ficou perdido na lama que só os meninos da rua podem pisar.

E ela e a grande estrela inundam de paz o casebre pôdre e miserável onde tudo é revolta que os homens não querem compreender. E ele recorda o menino das palhinhas que lhe sorri e tinha no olhar a promessa dum sonho lindo.

E a vaquinha descansa a cabeça na palha húmida que o seu bafo não aquecerá. Mas ele tem mais. Tem também uma folha muito verde de azevinho. E vira-a, revira-a nos dedos finos das suas mãos tenras que ainda não sabem lutar!... Que linda!... Mas é só folha. Falta-lhe a baga vermelha que a aquecia. Mas é linda, quase igual à que viu ao pé do Menino nas palhinhas. E sorri com ELE, irmanado no grande sonho que os homens acabarão por compreender.

E fecha os olhos. É a hora a que outros meninos brincam em casas quentes onde não falta o pão. E tiritica sobre a palha humedecida. Não o aquecem os buracos dos seus farrapos nem

Nós e a Imprensa

Do jornal *O Despertar*, bi-semanário de Coimbra, transcrevemos as palavras sinceras que muito nos honram, confessando-nos imensamente gratos aos que trabalham naquele valoroso defensor dos interesses daquela cidade.

«O Clube Desportivo da Tebe, de Trabalhadores para Trabalhadores, com sede em Barcelos, quis ter o gesto amável de nos enviar exemplares — os n.ºs 3 e 4 — do seu órgão na Imprensa, denominado *Boletim Social*.

É seu director o sr. António Baptista e editor o sr. João Baptista Cândido da Silva, tendo como redactores os srs. Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva.

O *Boletim* em referência apresenta-se-nos com impecável aspecto gráfico, encerra interessantes secções e também boa colaboração.

Longa e próspera vida lhe desejamos.

Agradecemos o seu envio e as palavras amigas que foram dirigidas ao *O Despertar*».

SNI

Do Secretariado Nacional de Informação recebemos alguns livros a que oportunamente faremos referência.

o bafo morno duma vaquinha. Ali tudo é frio. Até a lua parece escorrer água e as estrelas tremerem do frio daquele corpo. Mas na noite fria e luarenta o menino adormeceu e sonha com O das palhinhas que lhe sorri e dá o que os homens não deram.

E das telhas partidas escoase um fio estreito de luar que lhe beija os cabelos louros, empapados nas lágrimas de todos os meninos da rua perdidos entre os homens. E a mão pequenina que ainda não sabe lutar, aperta a folha de azevinho que fica a brilhar na baga reluzente duma gota de sangue. E na noite luarenta e fria brilha de novo na grande abóbada o clarão milenário que ilumina o sangue dum inocente menino que sonhou um sonho lindo que os homens teimam em esquecer!...

Dezembro de 1953

PÁGINA FEMININA

O FOGO, O LAR E A MULHER

Por AGOSTINHO DE CAMPOS

prontos, o que só por si mostra as dificuldades do regime anterior.

As guardiãs do fogo, nas casas ricas ou remediadas das cidades de agora, já se não chamam Vestais; chamam-se cozinheiras; entre o povo porém, e no campo ou na aldeia, a guardiã do fogo é a pobre mãe de família, e mal sabe ela, coitada, o que esta sua função representa de antiguidade e dignidade.

Pensa muito boa gente, daquela boa gente que faz história e filosofia da história, que à mulher e não ao homem, cabe a honra de ter iniciado a civilização; pois, enquanto o senhor homem primitivo andava por montes e vales e ribeiras, na caça ou na pesca, ou então entretido no desporto das guerras tribais, na caverna familiar, ou no acampamento da sua tribo, ficava a mulher a cuidar dos filhos;

e essa, enquanto eles deixavam, ia ensaiando à volta uns primeiros rudimentos de agricultura, e conservando o fogo para aquecimento das pessoas ou preparação dos alimentos. De tal modo, por iniciativa e obra da mulher, foi a espécie humana passando a pouco e pouco da existência nómada para a vida sedentária.

Cada vez que a tribo, provisória ou definitivamente assenta arraiais em qualquer parte, lá ficam as mulheres incumbidas de velar pela conservação da preciosa brasa, que habilitará o homem a viver em climas frios e mais tarde dará origem não só à possibilidade cada vez maior de uma vida de família, mas aos primeiros rudimentos da indústria e do progresso material, os quais nunca poderiam existir sem o auxílio ou colaboração do fogo.

Coisa curiosa: nestes nossos tempos deixou o fogo de ser sagrado e deixou de ser deus; mas ainda se lhe sacrificam vidas humanas, e principalmente vidas infantis, como aos deuses mais sanguinários e mais ferozes da Assíria e de Babilónia. Volta e meia se lêem notícias de crianças que morrem queimadas junto das lareiras, enquanto as mães, pobres guardiãs do fogo sem mãos a medir, tiveram de sair de casa e de deixar os filhinhos sòzinhos.

lar quer dizer muitas vezes a casa, a casa de família; mas, primitivamente, a palavra *lar* é o nome de um Deus doméstico dos Romanos, o *Lar familiaris*, que eles representavam por pequenas esculturas de madeira, colocadas no *atrium por cima da lareira*. E cá temos outra palavra—*lareira*—derivada do nome do mesmo deus romano, e cujas significações actuais são duas, resultantes uma da outra—pedra sobre que se acende o lume doméstico; e esse próprio lume ou fogo, destinado em geral à preparação dos alimentos.

O *fogão*, aperfeiçoamento do lar ou lareira, ganhou em comodidade para nós o que perdeu em poesia ou pinturesco, como tudo aquilo de que a técnica se apodera. O *fogão* é talvez filho do fogareiro, apesar de maior do que ele, pois até o seu nome tem a forma de aumentativo: *fogão*, *fogo grande*.

Certo é que as duas palavras *lar* e *fogo* vieram ambas a significar *casa de família*, *habitação familiar*, e daí a própria família. Tal aldeia tem *duzentos fogos*, quer dizer: *duzentas famílias*; e daquele que se casa dizemos que *constituiu um lar*, e ao falar assim impregnamos a palavra *lar* de um mundo de valores morais e sociais.

O fogo doméstico merece esta sublimação com que a esta fala o mimoseia, porque ele é o núcleo material da santa instituição da família. Por isso os povos antigos o divinizaram, consagrando-lhe templos cujo culto era ministrado por sacerdotisas, como em Roma as *Vestais*.

E porque se deu às mulheres esse honroso privilégio de alimentar o fogo sagrado, tão honroso que aquelas sacerdotisas antigas eram recrutadas entre as donzelas das melhores famílias?

Hoje em dia já não há fogo sagrado. A última palavra a este respeito é, muito mais prosaicamente, o *fogo encanado*, que vem da Companhia do Gás, e por sinal cada vez mais fraquinho. No templo romano consagrado a Vesta, deusa do fogo, eram duramente castigadas as sacerdotisas que deixavam apagar o fogo; agora, se o fogo se apaga torna-se a acender, e não se pensa mais nisso. Inventaram-se os fósforos, e quando apareceram os primeiros baptizou-os o povo com o nome de *lumes*



Palme e a sua beleza arquitectónica

Depois de nos demorarmos longamente sobre a obra «Barcelos-Histórica-Pitoresca-Artística», dos já por mim citados: J. Mancelos e A. Soucaux, pude prender a minha atenção de certo modo extasiado pela beleza da arquitectura da capela mor do mosteiro do antigo Convento de Santo André, onde ressalta todo o encanto gótico. Igualmente, no mesmo estilo, temos de admirar com certo encanto o pórtico que, infelizmente, por culpa não sei de quem, está—segundo consta—a servir de suporte a uma escada. Pena é que a arte ande assim tão arredada dos olhos e das almas.

A. B.

Ano Novo

EM breve um Novo Ano começa e outro acaba! Como o tempo passa depressa! Por vezes, nem damos conta deste galopar rápido dos dias, das semanas, dos meses!

O tempo passa e não volta mais! Horas perdidas e horas de trabalho intenso, dias mal vividos e dias de canseiras pesadas, tudo anda no mesmo ritmo veloz, sem podermos fazer parar os momentos de tristeza e podermos prolongar os de prazer.

Que ao fim deste ano, quando fizeres o balanço da tua vida te não arrependas tristemente de tempo inútilmente desperdiçado!...

Deus queira que possas volver com serenidade os olhos para trás e sorrir satisfeita com a consciência tranquila de quem soube cumprir inteiramente os seus deveres.

Deus queira também que este ano te não deixe recordações amargas, mas se assim acontecer que tu saibas encontrar em ti própria as forças necessárias para encarar com energia o despartar do Novo Ano. As tristezas não se vencem com lágrimas nem lamentações, mas sim com coragem e com fé.

Ano Novo! Vida Nova, vida de trabalho, vida sã, vida de Alegria e vida de Paz, é o que todas desejamos sinceramente. — M. L.



Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do mês

BEM escassa foi este mês, a actividade oficial do nosso Clube. Apenas disputamos um jogo, dos dois da Taça Turismo, pois que o outro ainda não foi marcado.

Coube-nos como adversário o Turismo Oquei Clube das Taipas, um dos melhores grupos do passado campeonato, e todo ele recheado de valores individuais de mérito comprovado.

O Clube Desportivo da Tebe apresentou a equipa apenas com 4 jogadores, sendo dois reservas. Factores vários assim o determinaram, e foi pena, pois perdemos o ensejo de fazer uma boa partida.

O jogo foi daqueles que não têm história porque o desnível entre as duas equipas era enorme. A salientar, apenas a maneira simpática e amigável como se portaram os atletas do Taipas, sabendo encarar a partida da melhor maneira.

As equipas sob a direcção de Francisco Melo, alinharam:

Turismo Oquei Clube das Taipas:— Magalhães, Ferreira, Jorge, Meneses e Lourenço.

Tebe:— Sebastião, Veloso, Cibrão e Carvalho.

Os golos foram marcados por Lourenço (6), Meneses (5), Jorge (1) e Ferreira (1), pelas Taipas; Carvalho (1) e Cibrão (1) pela Tebe.

Finalizou portanto o desafio com a vitória do Taipas pela elevada marca de 13-2.

Nesta jornada da Taça Turismo o Académico Basketball Clube venceu por 4-2 o vitória de Guimarães.

Na próxima jornada teremos por adversário o Vitória.

Big



Campeonato Europeu de Júniores

Vencendo a Espanha no jogo de desempate por 4-0, a equipa de júniores representativa de Portugal, afirmou mais uma vez a nossa superioridade incontestável no oquei patinado mundial.

Os «miudos» venceram e convenceram, dando a todos os portugueses um belo presente de Natal, com a conquista do título máximo.

Desta nossa modesta coluna enviamos a esses bravos rapazes os nossos agradecimentos sinceros pela satisfação que nos proporcionaram, e votos sinceros que continuem sempre a defender com galhardia, o título conquistado.

Natal e Desporto

NATAL e Desporto; coisas que dificilmente e infelizmente se podem colocar em paralelo, para tecer considerações acerca delas.

Se falando em Natal se pensa em harmonia, compreensão e elevados sentimentos de fraternidade, falando de Desporto apenas se poderá encontrar uma antítese perfeita dos atributos do primeiro.

Não vamos hoje atacar as entidades responsáveis por tal estado de coisas, pois pensamos que nesta quadra, todos devem dar as mãos e unir-se como uma grande família, em franca e sã camaradagem. Apenas queremos vincar a possibilidade dessa harmonia e bom entendimento, que aqui apontamos, se manterem cada vez mais firmes no novo ano que desponta.

Os dirigentes devem compreender que os Clubes formam um agregado, que, pelas estreitas relações entre eles existentes, bem se podem considerar uma família, de qual são chefes.

Sendo assim, devem distribuir as simpatias equitativamente, procurando harmonizar as discórdias surgidas e atender solícitamente, as reclamações que lhe são feitas.

Que vejam em cada Clube um amigo para lhe retribuir a amizade, o interesse e o apoio dispensados, e que estes possam confiar abertamente neles, tal como um filho confia nos conselhos do pai.

Quando realmente a mensagem de fraternidade que é a razão de ser desta festa, tão simples mas tão grandiosa no seu significado, conseguir iluminar a consciência dos responsáveis do Desporto, para nele a aplicarem, então sim, poderemos dizer com grande satisfação que o Desporto atingiu realmente o fim para que foi criado:

«Desenvolver as qualidades físicas, e a harmonia entre os homens».

Pires Bigote

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Na deslocação a Vila Real, o grupo de Barcelos conseguiu um empate a três bolas. Ambas as equipas fizeram uma boa exibição, pelo que foi merecido o resultado.

— O mesmo não sucedeu em Barcelos quando o Gil Vicente defrontou o Espinho.

Embora o resultado final fosse um empate a 1 bola, o certo é que poderia ter sido muito melhor, se não fora a má arbitragem de Mateus Soares, que originou protestos do público e contribuiu para uma fraca partida.

— A série de empates terminou em Leixões, onde após regular exibição, saíram do terreno vencidos por 2-1, resultado que não correspondeu ao andamento da partida.

— Na 1.^a jornada da 2.^a volta foi o Gil Vicente jogar com o Salgueiros. Mais uma vez jogou bem, sendo por vezes su-

DENTRO E FORA DO RINQUE

Vai terminar a época

COM a última jornada da Taça Turismo, a realizar no rinque do Estádio 28 de Maio, vai encerrar-se a temporada de oquei no Minho.

Se fizermos uma análise à actividade dos Clubes filiados na Associação de Patinagem do Minho, verificamos que a modalidade decaiu em relação à época anterior.

No capítulo de organizações particulares, o balanço é confrangedor. Poucos Clubes fizeram jogos particulares. Porquê?...

Eis a resposta.— Sobre qualquer jogo — (particular ou oficial) pesam os seguintes encargos:

Organização, que compreende: policiamento, licenças, árbitro, porteiros e bilheteiros, propaganda e bilhetes acrescidos de \$50 para o Centro de Medicina Desportiva, (que não existe no Distrito, nem dele beneficiam os atletas do Minho).

Se sobrar alguma coisa, será dividida da seguinte maneira: 15% para a Federação, 20% para a Associação, e 55% para o organizador, no caso de organização própria, porque se for jogo oficial, já os 55% são para os dois clubes.

Aprecie-se um caso que se passou, e com números verdadeiros.

Jogo entre equipa A e a equipa B:

Apuro de bilheteira. 7.507\$50

Despesa Oficial

Polícia	175\$00
Árbitro	125\$00
Propaganda	75\$00
Bilheteiros	30\$00
Porteiros	30\$00
Licenças	220\$00
C. M. Desportiva	500\$50
Socorro Social	500\$50
	1.656\$00

Apuro 7.507\$50

Despesa 1.656\$00

Líquido 5.851\$50

Divisão da Receita Líquida 5.851\$50

20% para a Associação 1.170\$50

15% para a Federação 878\$00

Sobra para o Clube 3.803\$00

Despesas pagas pelo Clube

Deslocação da equipa A 4.000\$00

Deslocação da equipa B 1.000\$00

Jantar às equipas 1.000\$00

Taça em disputa 750\$00

6.750\$00

Os números dispensam comentários.

Pode a modalidade desenvolver-se desta maneira? Que a Federação e a Associação meditem neste assunto.

Golpe Livre

perior ao adversário, mas perdeu por 3-2, que é o que finalmente interessa para a classificação.

TORNEIO POPULAR

O Atlético de Barcelinhos, convidou mais três clubes barcelenses a participar num torneio de júniores, em disputa duma valiosa taça.

É justo que os clubes aceitem o convite e assim se iniciarem as actividades dos Populares, que tão úteis são para a preparação de novos jogadores.

Pa Ele

Contra a tuberculose, flagelo da humanidade

No Emissor Regional de Coimbra falou o Sr. Dr. Carlos Gonçalves acerca de "O SANATÓRIO NA LUTA ANTI-TUBERCULOSA", trabalho esse, que, pelo seu valor, foi registado na primeira página do "Diário de Coimbra" de 6 de Dezembro e do qual transcrevemos, com a devida vénia, algumas passagens, lamentando, apenas que, pela sua extensão, não possamos, na íntegra, arquivar tão valiosos ensinamentos.

"Hoje o sanatório desempenha no armamento anti-tuberculoso o principal papel na terapêutica da tuberculose pulmonar. Pela sua organização interna, pela disciplina a que todos os doentes estão sujeitos, pelo corpo médico especializado, pelo pessoal de enfermagem, pelas condições higiénicas, pelo serviço cirúrgico especializado é o único local apropriado para o tratamento da tuberculose pulmonar. É ali que os doentes subtraídos ao contacto, tão prejudicial, da família e dos amigos, encontram o repouso físico e psíquico indispensável à sua cura. É erro pensar-se que com o advento dos antibióticos o sanatório deixou de ter o interesse que tinha. Por este País, em todos os sanatórios, raras são as semanas em que não entram doentes com formas em franca evolução, com bacilos na expectoração em escala alta, e a quem tenham sido administrados já doses altas de Estreptomicina, de

ácido para-âmino-sulcílico ou de hidrazida do ácido isonicotínico. E que no uso dos antibióticos a sua dose, a sua escolha e o seu modo de administração só pode competir ao fisiologista, depois de ter estudado devidamente a forma de tuberculose de cada doente."

E depois do conferencista se alargar em considerações sobre o emprego, valor, etc., dos antibióticos, continua:

"Na cura sanatorial há a vantagem de o doente ser estudado convenientemente antes de iniciar o seu tratamento: a auscultação, o exame radiográfico e tomográfico, os exames laboratoriais, etc.". Depois de se referir às vantagens das curas sanatoriais, prossegue: "Todos os médicos dos sanatórios sabem como o tono geral dos doentes beneficia com a mudança de vida, como se transforma o seu espírito desde os primeiros dias da sua sanatorização. É sobejamente conhecido que o tuberculoso sofre muito mais olhar a actividade das pessoas sãs que o cercam".

E depois de ter rasgados longos aplausos ao valor do sanatório para curas eficazes, termina assim:

É neste ambiente sanatorial que, não raras vezes, nós assistimos a verdadeiras ressurreições, em doentes entrados com formas graves que vinham de fora com toda a terapêutica esgotada."

Talvez não se lembre que:

- 1) — Pleonasma quer dizer aumento supérfluo de palavras na frase, como por exemplo: Pedro subia para cima;
- 2) — Fernão Lopes ocupa o primeiro lugar entre os cronistas do séc. XV;
- 3) — Bernardim Ribeiro é o pai da nossa poesia bucólica;
- 4) — Viriato Trágico foi escrito por Brás Garcia de Mascarenhas;
- 5) — As medidas lineares antigas eram as seguintes: Braça (2, 2 metros), toeza (1,98 metros), vara (5 palmos, ou 40 polegadas ou 1,1 metros), côvado (0,66 ou três palmos), polegada (12 linhas ou 0,0275 mts). (Estas eram as principais, havendo também palmo, a linha e o ponto, etc.);
- 6) — Ano dum planeta é o tempo que este gasta na sua revolução à roda do SOL; assim, o nosso ano solar consta de 365 dias, 5 horas e 49 minutos;
- 7) — O globo terráqueo consta de duas partes: uma sólida e outra líquida, (líquida — água, sólida — terra) 1/3. Além destas partes o globo é rodeado por uma parte aeriforme, designada por atmosfera;
- 8) — A Suécia e a Noruega formam a península escandinava, tendo por limites ao Norte o Oceano Glacial Ártico, a Leste o Mar Báltico e a Rússia, a Oeste o Oceano Atlântico e o Mar do Norte e ao Sul o Canal da Jutlândia e o Báltico;
- 9) — Em 1515 faleceu o Grande Afonso de Albuquerque no mar, à vista de Goa, aos 16 de Dezembro;
- 10) — Na Mitologia, Diana era a Deusa da caça, filha de Júpiter e Latona e irmã de Apolo.

Leiam o Boletim Social da TEBE

Jornal de trabalhadores para trabalhadores de divulgação social e artística. Publicação mensal.

Assinatura anual: 12\$00

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANUNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

As malhas TEBE são uma mensagem de bom gosto...

Entram em toda a parte: Na escola, na oficina, no campo...

As malhas TEBE levam a marca inconfundível em quatro letras apenas: TEBE... que significam:

- T — Trabalho
- E — Elos de perfeição
- B — Beleza inalterável
- E — Elegância inconfundível

Os tules da fábrica de Malhas TEBE são mantos diáfanos, duma transparência sublime, próprios para todas as coisas de esmerado bom gosto.

Sametil... Sametil...

Para eczemas... Único com este nome. É um produto honesto a um preço honestíssimo.

À venda nas melhores farmácias



Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesoiro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

Casa do Café

Café bom, a saber bem, Todos sabem bem qual é... Sem mentir, posso afirmar: É o da CASA DO CAFÉ.

Vilas Boas & Irmão

Um fato feito com gosto, Elegância e perfeição, Belos forros e bons preços: VILAS BOAS & IRMÃO.

Natal

(Continuação da página 1)

de cor que a traça do tempo ainda tem respeitado.

Na tela podemos ainda admirar quadros duma grandeza de simbolismo, como por exemplo o da **ADORAÇÃO DOS MAGOS**, de Gregório Lopes, existente no museu de Arte Antiga.

O Natal foi a inspiração, é a inspiração para os músicos, pintores, escultores e poetas. Numa palavra: É o tema sagrado que de ontem até hoje, se há-de repercutir de hoje até sempre.

Como dissemos, o menino Deus quis nascer no meio da pobreza, mostrando ao mundo e aos homens que, da humildade resignada e simples, safu para toda a eternidade o filho de Deus feito homem-JESUS.

A mensagem não tardaria a vir... O momento era solene, Maria erguia ao céu seus olhos suplices... Tudo era intangível na beleza dogmática do mistério.

MARIA exclama:

— «SENHORI!»...

E um anjo celestial diz: «Salvé, ó cheia de graça! O Senhor é Contigo; És Bendita entre as mulheres».

Desde muito cedo que o tema da natividade foi encarado religiosamente adentro dos cambiantes plásticos. Pintores e escultores, quer no campo erudito, quer no campo popular, trouxeram até nós autênticas maravilhas de pintura e de escultura.

O tema do Natal, sempre palpitante de vida, foi de ontem e de hoje e há-de continuar a ser enquanto o mundo for mundo.

António Baptista

Trova popularizada

NO VENTRE DA VIRGEM BELA
ENCARNOU JESUS POR GRAÇA,
ENTROU E SAÍU POR ELA
COMO O SOL PELA VIDRAÇA.

Esta quadra foi inspirada na obra «Pam Partido em Pequenos» do eminente oratoriano Padre Manuel Bernardes.

— «E Cristo nosso Salvador ao sair da clausura do Sagrado ventre da Senhora não necessitava de que as portas dela se abrissem: saíu assim como um raio do Sol penetra a vidraça, sem esta se quebrar, nem abrir, antes ficando formosa e resplandecente».

Visado pela Comissão de Censura

Natal — Festa da Família

É sem dúvida a festa do Natal aquela que mais alegria traz no seio das famílias porque é a festa mais terna, mais pura e de tradições mais fortemente arreigadas no coração de todos.

Festa das almas cristãs, porque é para elas, noite de intensa alegria; festa das almas simples; festa das almas caridosas; festa dos ricos e festa dos pobres.— O Natal. Festa de esplendor nas casas abastadas, festa simples nas humildes, mas, em todas elas, de alegria sincera.

Todo o cristão recorda com carinho o nascimento pobrezinho de Jesus, numa noite fria de Dezembro, sem o aconchego dum bocado de lume, nem o conforto duma casa, por mais humilde que fosse.

E se todos o recordam, comovidamente, hão-de pensar por certo também, como é inútil e ridícula tanta vaidade tola e pretenciosa, dos tempos de hoje.

Jesus e Maria são os exemplos mais vivos da humildade e, contudo, nunca coração algum atinge as culminâncias da perfeição destes Seres Imaculados.

A família de Nazaré é o modelo ideal de todas as famílias humanas — pela singeleza de vida, pela correcção de costumes, pelo respeito, pelo amor, pela solidariedade dos seus membros.

Não poderá nas famílias haver paz se nelas não reinar o Amor e o respeito mútuos. É preciso que os pais sejam modelos vivos de bons exemplos para que os filhos os admirem, respeitem e amem.

De nada valerão repreensões ou ameaças quando se não sabem dar conselhos ou lições de uma conduta irrepreensível. Não tem desculpa de proceder mal aquele que tem responsabilidade na educação de futuros cidadãos.

Educar é amar com paixão as almas inocentes e desprevenidas que desejamos ver fortes em querer o Bem e brandas em julgar o Mal.

Noite de Natal! Noite da família! Mas da família unida, onde há a noção dos deveres e das responsabilidades de cada um.

A vida, o trabalho e o sacrifício dos pais tem apenas um fim — o bem estar dos filhos, a sua saúde, a sua felicidade, mas tudo isto será apenas possível, quando o trabalho, os sacrifícios e as vidas dos pais forem ambas dirigidas paralelamente para este único objectivo.

Noite de Natal! Noite de festa, mas noite de exame atento à vida da família. Se na casa não há paz, ou não há conforto, cada um deve tomar a responsabilidade da culpa que teve para que assim acontecesse, pois, muitas vezes, não é por miséria, mas sim por egoísmo, por desmazelo ou por preguiça.

Pais que se inclinaram com amor para o filhinho que nasceu, como podem muitas vezes esquecer os deveres que têm para com esse filho, como podem satisfazer egoistamente os seus vícios sem se lembrarem das necessidades desses pedacinhos do seu ser?... Como há pais que têm coragem de ver os filhos cheios de frio e muitas vezes de fome, enquanto eles, nas tabernas, arruinam a saúde, desperdiçam dinheiro, embrutecem a razão e dão ainda espectáculos pouco dignos, que os filhos, pela vida fora, jamais esquecerão.

Noite de Natal! Noite da família, porque todos se sentem mais unidos, compartilhando da mesma alegria. Noite de Natal — Noite de risos e de lágrimas, em que as alegrias andam misturadas com as saudades... Noite de Natal, Noite de Poesia, Noite de Amor, Noite de sonho Alto — A Paz na terra entre os homens.

Noite de Natal — Noite de contrastes — Na natureza há frio, há neve — nos corações há calor, há Sol.

M. L.

Ao corpo directivo da TEBE

O «Boletim Social» e Clube Desportivo da TEBE desejam à digníssima gerência da TEBE umas Festas Felizes e um NOVO ANO muito próspero.

Clube Desportivo da Tebe

Depois de mais um ano de trabalho, de muitas canseras, algumas contrariedades e bastantes alegrias, vem, pe-nhoradíssimo, desejar **BOAS FESTAS** aos seus sócios, atletas, amigos e simpatizantes.

NOITE DE NATAL

(A um pequeno vendedor de jornais)

Bairro elegante, — e que miséria!
Roto e faminto, à luz sidéria,
O pequenito adormeceu...

Morto de frio e de cansaço,
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornais, que não vendeu.

A noite é fria; a geada cresta;
Em cada lar, sinais de festa!
E o pobrezinho não tem lar...

Todas as portas já cerradas!
Ó almas puras, bem formadas,
Vede as estrelas a chorar!

Morto de frio e de cansaço,
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornais que não vendeu,

Em plena rua, que miséria!
Roto e faminto, à luz sidéria,
O pequenino adormeceu...

Em torno dele — ó dor sagrada!
Ao ver um círculo sem geada
Na sua morna exalação,

Pensei se o frio descaroável
Do pequenino miserável
Teria mágoa e compaixão...

Sonha talvez, pobre inocente!
Ao frio, à neve, ao luar mordente,
Com o presépio de Belém...

Do céu azul, às horas mortas,
Nossa Senhora abriu-lhe as portas
E aos orfãos sem ninguém...

E todo o céu se lhe apresenta
Numa grande Árvore que ostenta
Coisas dum vívido esplendor,

Onde Jesus, o Deus Menino,
Ao som dum cântico divino,
Colhe as estrelas do Senhor...

E o pequenito extasiado,
Naquele sonho iluminado
De tantas coisas imortais,

— No céu azul, pobre criança!
Pensa talvez, cheio de esp'rança,
Vender melhor os seus jornais...

António Feijó

Cumprimentos de Boas Festas

O «Boletim Social da TEBE» deseja a todos os seus colaboradores, assinantes e anunciantes umas Festas Felizes e um NOVO ANO aureolado das mais prósperas venturas.